



**OS RISCOS
DA WEB LÍQUIDA**

Luís Carmelo

2011

www.lusosofia.net





LUSOSofia:press

Covilhã, 2011

FICHA TÉCNICA

Título: *Os Riscos da Web Líquida*

Autor: Luís Carmelo

Colecção: Artigos LUSOSOFIA

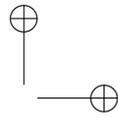
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: José M. Silva Rosa

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2011





Os Riscos da Web Líquida

Luís Carmelo

1. O suspiro aliviado do nosso barco

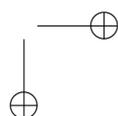
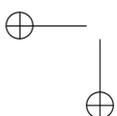
No seu ensaio, *No Mesmo Barco* (de 1996), Peter Sloterdijk concluía que o nosso tempo digeriria afirmativamente a instabilidade, saudava o caos e celebrava a inconsequência. Nem mais.

Três termos aquáticos que hoje se confundem com o perfil da contemporaneidade.

Passo a aplicá-los, porventura desviando-os da perspectiva que o filósofo bávaro teve em mente em meados dos anos 90, e, portanto, centrando-os na maré-alta instantanista dos nossos dias:

Em primeiro lugar, digerir em tom afirmativo o fim das codificações totalizantes (ou seja, dos receituários que continham todas as grandes explicações para todas as grande perguntas do homem). O importante tornou-se o sentido, o jogo e não a verdade.

Em segundo lugar: saudar o caos como alegoria de uma comunicabilidade intra-oceânica. Isto é: saudar um mundo horizontal (que pôs termo à verticalidade hierárquica entre emissão e públicos, entre público e privado ou até entre real e ficção) em benefício de uma rede aberta de conectores e de interactores globais.



Em terceiro lugar, festejar o reino da inconsequência, ou seja: viver e saborear o presente, o agora-aqui, abandonando a vertigem das narrativas que artificializavam o passado, fazendo do nosso tempo um sacrifício – mero trânsito para mortais, como diziam os místicos medievais – tendo em vista a felicidade de um futuro radioso, mas inevitavelmente longínquo (no além túmulo, se escatológico; na terra, se ideológico).

A humanidade suspirou e ficou aliviada com estas transformações que, desde as últimas três décadas do século passado, têm vindo a selar e a reciclar a ingenuidade dos ideais modernos e de outros, sustentados em narrativas salvíficas.

Em vários ensaios meus, desde *Anjos e Meteoros*, escrito em 1996, até a *Órbitas da Modernidade*, escrito no Verão de 1999, passando pelo mais recente *A comunicação na rede - O caso dos blogues*, escrito em 2006, filtrei, com algum fôlego e detalhe, estes solavancos da nossa história recente.

Uma perene e translúcida madrugada toda feita de água parece ter envolvido a segunda humanidade”, termo a que recorreu Roy Ascott para prefigurar a liquidez da WEB, toda ela água a percorrer a água. Como se tudo estivesse quase no mesmo plano e a comunicação mais não visasse do que a comunicação.

O certo é que a narrativa ainda atravessava o ser dos blogues, na primeira metade da primeira década do novo século que está agora prestes a finir-se. Enfim, uma narrativa baseada na provisoriedade (as formas em estado de permanente subtração e adição), na enunciação síncrona e plural, na reversibilidade (multimodalidade e coexistência de registos) e no incorpóreo (no sentido de um agregado que não é motivado por um centro mas por vários centros). Mas a segunda metade da década acabaria por ser anfitriã de sustentáculos novos que inquinariam – diria afirmativamente – esta quase necessidade de respirar através de uma narrativa. Refiro-me sobretudo ao Twitter e também, embora em menor grau, ao Facebook.



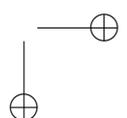
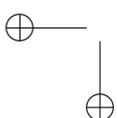
2. Novos Oceanos: Twitter e Facebook

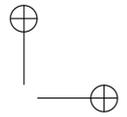
Começemos pelo primeiro, o Twitter. Destacaria três aspectos interessantes para esta, chamemos-lhe ironicamente, nova ciência do ápice.

Em primeiro lugar, parece-me que os tweets estão a deslocar a nossa urgência de actualidade para um outro espaço. Designá-lo-ia por acenidade (palavra por ‘ratio difficilis’ que refere a aceno). Por outras palavras: a acenidade seria um ‘já sido’ liquefeito e devorado antes da devoração que não chega sequer a encorpar. Apareceu e voltou a acenar. Nem contexto, nem pré-aviso: apenas iminência.

Em segundo lugar, confessemos que os tweets sofrem de remissão obsessiva (índices e links que apontam ou mencionam índices e links). Dantes, no tempo das narrativas orgânicas e axiais, tudo nelas apontava para âncoras particularmente fixas (heróis mitológicos, o nome de Deus, ou os valores ideológicos, tanto faz). Agora, os signos apontam apenas para signos, os sinais para os sinais e os avisos para os avisos: uma onda gigante, revolta, que vale por si só e que se nos revela como um animal marinho encantatório. Um tsunami sem mal e sem remédio. Mas corrosivamente instantâneo. E compulsivo. Como o contorno incerto da onda. O surf perpétuo quase sem horizonte e mar ao fundo.

Em terceiro lugar, a elipse como medida e como metonímia. Devido à sua extrema economia, os tweets contêm mais ‘não dito’ do que dito. E por isso sugerem ausências, do mesmo modo que a presença que traduzem. . . como que não se basta a si própria. É por isso que os tweets convocam o estético (aliás, os exemplos de tradução e adaptação de obras literárias à morfologia dos Tweets são já abundantes e conhecidos). Os tweets são, pois, lemes da expressão: uma espécie de água essencial que evoca o despojamento





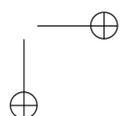
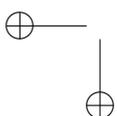
de um Eugénio de Andrade, a depuração formal dos Haikai ou a ideia de fractal: uma unidade mínima e discreta que convive em sistemas diversos, com rostos variados e flutuações intermitentes.

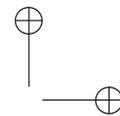
Passemos ao Facebook, esse território mais parecido com um litoral que se sobrepõe a muitos outros litorais (linearidades cruzadas) do que com a liquidez propriamente dita. Saliento três aspectos, neste – chamemos-lhe ironicamente – novo artesanato do mexicano.

Em primeiro lugar, se os blogues já tinham convocado um novo advento da individuação – um ‘Eu’ que fala de modo livre, não se eximindo à enunciação e não se escondendo por trás de narrador ou de personagens –, no Facebook a individuação tornou-se mimética, contagiosa, como se as varandas de um imenso edifício repetissem os mesmos cortinados, os mesmos gatinhos de porcelana e os mesmos cata-ventos. Mais do que uma partilhada encenação, o Facebook propõe à liberdade de cada um... uma mesma ficha de trabalho que é acatada e devidamente preenchida.

Em segundo lugar, esse ‘Eu’ que diz Sim e que, ao mesmo tempo, difunde e propaga o que lhe vai na alma ou no negócio, ostenta-se como se mostrasse o seu excessivo bronze feito em solário. De facto, se houve muitos teóricos e bloggers que compararam o início da blogosfera como um reatar do espírito dos cafés e botequins livres do fim de setecentos, dir-se-ia que o Facebook mereceu outra sorte, na medida em que reflecte sobretudo o espírito dos cabeleiros, dos barbeiros e da permuta dos álbuns de família. No Facebook, fala-se alto como no mercado da ribeira e o público e o privado contracenam como se estivéssemos sempre numa longa noite dos santos populares: uma orgia ilusória de todos com todos, amigos, fãs, fãs-amigos e amigos-fãs.

Em terceiro lugar, o Facebook é um lugar de encontro de que todos gostam. Na boa tradição dos programas dos desaparecidos-aparecidos. Um projecto global à ‘Amigos de Alex’ que não alimenta explicitamente fissuras e que propõe que se seja adjuvante,



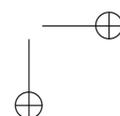
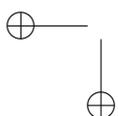


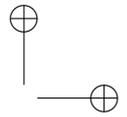
condescendente e/ou reverente. Uma concordata entre o que foi e o que fugazmente se é. Quem aparece no Facebook não são as pessoas, bem entendido, mas efígies que aspiram a um final feliz. Uma intriga que não escapa à narrativa – ao invés do Twitter –, embora, a bordo dos enredos cruzados, não sonhe com um clímax. Justamente porque no formato Facebook se projecta a subliminar ideia de um final feliz. Como se estivéssemos todos juntos, para provar que o Titanic nunca foi ao fundo. Happy Together. Tão “Happy Together” que os donos do Facebook o querem cada vez mais privado, decote aberto, tudo em uníssono, cara com cara, pele na pele. A sedução em ficha concertada.

Dir-se-á que existe uma ascese no Twitter que contrasta com a intriga sem clímax do Facebook. Gosto de ambos, cada um com o seu tom e com os seus graus de agradável ilusão. Cada um com o seu teor de raro comedimento. Cada um como voz que erra pelo espaço quase invisível do fundo dos novos oceanos, onde a ciberflora vive de um ‘face a face’ multifacetado e sem anjos da guarda.

O nosso tempo situa-se numa espécie de anti-mythos (amnésia colectiva invisível, mundo de fluxos e aceleração de imagens – em vez da ‘memória invisível’ que sempre caracterizou o mito). Primamos, em termos comunicacionais, pela ausência de finalidade e adulamos, em termos sociais, uma certa metafísica do desenvolvimento. Ou seja: não sabemos já bem – no meio de tanta relativização e instantânea fruição – o que é o progresso, ou tão-só, qual o sentido do porvir que está à nossa frente. Dizem alguns que viveremos 1000 anos. E os congressos científicos sobre o pós-humano cativam a academia.

Como escrevi no texto indutor desta sessão, o blogger, o facebooker e o twitter imergiram e viram o corpo transformar-se numa água igual à água da rede que os envolve. Como se todos os caminhos se tivessem extinguido e, em sua substituição, aparecessem apenas vórtices doces que permitem estar em todo o lado ao mesmo tempo. Afinal, não haverá melhor metáfora para um orgasmo per-





feito: essa perda de lugar, de horizonte, de expectativas e de consciência da interrupção. ‘Estar lá’ como explicação e ‘ficar lá’ como devir: é tudo.

Tudo para explicar o ápice dissociado de narrativas e a compulsão eufórica dissociada de leis exteriores. Se fosse vivo, Barthes estaria radiante.

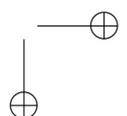
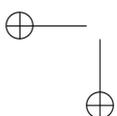
3. Ser para dizer uma água essencial

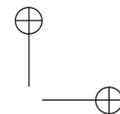
Termino com uma nota tão líquida quanto as anteriores, pois é essa a preciosa metáfora que hoje aqui nos reuniu.

O âmago da linguagem sempre se baseou na consciência deliberada de ser para dizer. Damásio explicou em *O Sentimento de Si* que as microimagens que se agenciam na mente são as mais produtivas contadores de histórias do planeta, a maior parte delas funcionando longe do nosso próprio reconhecimento. Isto é: nada sabemos delas.

Ora bem: caminhamos agora para um mundo em que o âmago da linguagem se baseará, cada vez mais, na consciência automática de dizer para e por apenas dizer. Tal como as imagens da nossa mente que existem para existir. Sem uma finalidade aparente. Sem telos. Sem meta. Como a vastidão do oceano. Ou apenas como a rede, a vista mais límpida desta imensa viagem em que embarcamos há menos de duas décadas.

Confesso que nunca estive tão otimista como hoje, na medida em que a liquidez do nosso mundo já revolveu os opostos e transformou o pessimismo e o seu antípoda em águas de uma mesma água. Como se a abertura do sentido – o simples revolver da onda –





valesse bem mais do que a afirmação de um valor final, verdadeiro e definitivo. Uma espécie de Leibniz sem deus.

É por isso que a Web líquida é a única profecia da humanidade que está a ser cumprida enquanto é anunciada. O ainda e o já de mãos dadas. Como se passado, futuro, sentido e verdade se tivessem convertido, afinal, num único ponto, num único pixel, num única água essencial.

